

## A HISTÓRIA NA PERSPECTIVA GENEALÓGICA DE MICHEL FOUCAULT

Haroldo de Resende – UFU

Busca-se desenvolver questões teórico-práticas de construtos histórico-filosóficos de Michel Foucault, especialmente de suas formulações relativas ao projeto de uma história genealógica, a partir do qual o filósofo irá delinear não só uma concepção de história, mas também e, sobretudo, uma maneira de efetivar a história, libertando-a da noção de totalidade e continuidade evolutiva forjada como natural, segundo a qual a verdade se objetiva e o trabalho do conhecimento desvela uma essência preexistente.

Com vistas à fundamentação conceitual, toma-se como base o texto intitulado *Nietzsche, a genealogia e a história*<sup>1</sup>, de Michel Foucault, escrito em 1971, a partir do qual são extraídas as principais noções que envolvem a proposição da história genealógica, cujo objetivo precípua é insuflar saberes contra a pretensão de um bloco monolítico de saber que, em sua dominação acaba por produzir efeitos de poder na elaboração e legitimação dos conhecimentos históricos.

Na fase genealógica, segunda do conjunto da obra de Foucault<sup>2</sup>, há uma ampliação de seu campo de interesse, na medida em que busca mostrar a correlação entre discursos e práticas sociais, enfocando explicitamente a temática do poder. Mostra de que modo o saber, suas ordens e configurações, se articulam a exercícios de poder.

Foucault introduz o termo *genealogia*<sup>3</sup>, na obra *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, onde, segundo Machado, seu sentido aparece da forma mais clara. Eis algumas passagens em que o termo aparece na obra referida: *Objetivo deste livro: uma história correlativa da alma moderna e de um novo poder de julgar; uma genealogia do atual complexo científico-judiciário onde o poder de punir se apóia, recebe suas justificações e suas regras, estende seus efeitos e mascara sua exorbitante singularidade*<sup>4</sup>. Um pouco mais adiante, ainda no capítulo introdutório, Foucault menciona novamente o termo: *A história dessa microfísica do*

*poder punitivo seria então uma genealogia ou uma peça para uma genealogia da 'alma' moderna<sup>5</sup>.*

É possível perceber, portanto, que pelo contexto teórico-prático em que a expressão aparece, traz em sua conotação a importância que o poder assume nas pesquisas de Foucault, correlato à questão da constituição dos saberes.

Genealogia é uma expressão que Foucault utiliza a partir de Nietzsche<sup>6</sup> para designar um modo de abordagem da constituição histórica dos objetos, sem remetê-los a um começo solene, um início fundamental.

A abordagem genealógica, restaurando o histórico, permite realizar efetivamente uma pesquisa histórica, na qual as noções ligadas ao conceito de origem assumem significados opostos às fundações originais que buscam marcos fundamentais para a comprovação da exatidão essencial das coisas e a perpetuação imóvel de uma identidade fixa no tempo e no espaço.

A genealogia faz a história dos percursos acidentais, do disparate, provocando a suspensão da intemporalidade do sujeito, submetendo-o às práticas sociais e examinando o momento do surgimento e as condições específicas de possibilidades dos acontecimentos.

Na genealogia abandona-se a certeza das evoluções lineares, que vê as coisas como se elas guardassem em seu começo uma verdade única e pura. Pela genealogia, é possível contemplar os acasos e intempéries das construções históricas.

*Daí, para a genealogia, um indispensável demorar-se: marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história – os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos; apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde elas*

*desempenharam papéis distintos; e até definir o ponto de sua lacuna, o momento em que eles não aconteceram (...)*<sup>7</sup>

Para Foucault, assim como propusera Nietzsche, a cor da genealogia é o cinza, justamente porque foge às claras evidências, às transparências, buscando apreender os apagamentos, aquilo que foi obscurecido por conhecimentos que se impuseram como únicos e definitivos.

Na genealogia busca-se ouvir a história e com isso se aprende que por trás das coisas não há nada que se possa traduzir em uma essência secreta e atemporal. O que existe são as coisas sem atributos essenciais, sem invenções construídas em torno de elementos estranhos a elas. Na gênese histórica não se encontra a identidade inédita e preservada da origem, mas o seu disparate, os seus desvios acidentais, a sua desavença.

O começo histórico pertence às baixas extrações por ocupar-se dos deslizes, dos desníveis, da incerteza, do descomunal e por afastar-se dos pedestais meta-históricos construídos por significações ideais. Portanto, a genealogia insurge contra a pesquisa da “origem”. *O genealogista necessita da história para conjurar a quimera da origem*<sup>8</sup>.

Ao mesmo tempo, a pesquisa genealógica permite o reencontro do múltiplo nos acontecimentos que são tomados por um único aspecto como se sua formação tivesse se dado de maneira ímpar, sem dispersões. Na genealogia mantém-se a dispersão peculiar aos acontecimentos, a reconstituição dos acidentes, das fissuras, dos enganos, das falhas, das errâncias que fizeram nascer o que há de significativo em nossa existência.

Na genealogia não se faz um recuo no tempo para o restabelecimento de uma continuidade evolutiva que se prolonga até chegar ao presente, considerando-o como circunstância natural e inevitável do passado. Busca-se saber que na gênese do que somos e do que conhecemos não reside a verdade e o ser essencial e sim a exterioridade acidental.

A genealogia permite restabelecer os jogos de dominação, nos quais se pode observar o estado de forças em que os acontecimentos são produzidos, uma vez que as forças, ao produzi-los, combatem entre si, marcam posições frente às adversidades e, quando se enfraquecem buscam se recompor a partir de sua própria fraqueza.

A tarefa da genealogia deve ser exatamente a de fazer essa história, mostrando os deslocamentos, as quebras, as fraquezas, as substituições, os recomeços, dando visibilidade a outras possibilidades de interpretação que foram subsumidas pela prevalência de visões dominantes e totalizantes.

Foucault mostra as relações existentes entre a pesquisa genealógica e a história tradicional, que ele chama *história dos historiadores*<sup>9</sup>. A genealogia é nomeada como *Wirkliche Historie*<sup>10</sup> ou, história “efetiva” cuja ferramenta é o sentido histórico que

*não se apóia sobre nenhum absoluto. Ele deve ter apenas a acuidade de um olhar que distingue, reparte, dispersa, deixa operar as separações e as margens – uma espécie de olhar que dissocia e é capaz ele mesmo de se dissociar e apagar a unidade deste ser humano que supostamente o dirige soberanamente para seu passado*<sup>11</sup>.

O sentido histórico se norteia em direção contrária à perspectiva supra-histórica da história dos historiadores, cujo olhar é totalizante, reconciliador dos deslocamentos passados, redutor do tempo a um só momento.

O olhar da história tradicional é um olhar que se pretende objetivo e acredita na eternidade perene da verdade e numa consciência sempre igual a si mesma, é um olhar que permite o reconhecimento em toda parte como se tudo refletisse o homem, é um olhar que mira um contínuo evoluir, sem obstáculos ou quebras.

Já o sentido histórico, praticando a *Wirkliche Historie* promove a reintrodução do devir em tudo o que se acreditava ser imortal no homem. *A história ‘efetiva’ se distingue*

*daquela dos historiadores pelo fato de que ela não se apóia em nenhuma constância: nada no homem – nem mesmo seu corpo – é bastante fixo para compreender outros homens e se reconhecer neles*<sup>12</sup>.

Utilizar genealogicamente a história, de maneira que o sentido histórico se livre da supra-história, significa *fazer da história um uso que a liberte para sempre do modelo, ao mesmo tempo, metafísico e antropológico da memória. Trata-se de fazer da história uma contramemória e de desdobrar conseqüentemente toda uma outra forma do tempo*<sup>13</sup>.

O genealogista ao invés de venerar os grandes vultos, as obras, as criações, perpetuando a sua presença, erguendo uma *história monumental*<sup>14</sup>, parodia essa história e carnavaliza o tempo colocando o reaparecimento incessante das máscaras em cena novamente, justamente para que o homem se irrealize em diversas identidades retornadas<sup>15</sup>. *A genealogia é a história como um carnaval organizado*<sup>16</sup>.

A genealogia traz a pluralidade, a diversidade que se desdobra em várias outras identidades que disputam entre si e, o que a história faz não é descobrir uma identidade submergida, de prontidão para o aparecimento e sim mostrar uma complexidade de aspectos plurais, díspares.

*A história genealogicamente dirigida, não tem por fim reencontrar as raízes de nossa identidade, mas ao contrário, se obstinar em dissipá-la; ela não pretende demarcar o território único de onde nós viemos, essa primeira pátria à qual os metafísicos prometem que nós retornaremos, ela pretende fazer aparecer todas as discontinuidades que nos atravessam*<sup>17</sup>.

Não se busca o reconhecimento de continuidades onde se encontra o começo de nosso presente, num processo contínuo de preservação; ao contrário, a genealogia propicia

a quebra de nossas identidades, mostrando as múltiplas possibilidades, a heterogeneidade, arrancando a *máscara de nosso eu*<sup>18</sup>, permitindo-nos outras identidades.

Foucault, desse modo, formula o projeto de uma história genealógica, estabelecendo novas noções para a abordagem do tempo e do espaço históricos, dando novas visões para as reminiscências, as continuidades e o conhecimento. A realidade se desfaz em paródias, as identidades se fragmentam e a verdade é destruída. O acontecimento perde sua linearidade contínua, pois a genealogia se apodera de suas regras, de suas forças, da inversão dessas forças que se voltam contra quem as utiliza, enfraquecendo o vigor das dominações no movimento do jogo da história nos acasos da luta<sup>19</sup>.

A genealogia é, assim, direcionada para o estudo das formas de saber atravessadas por relações de poder. Portanto, pode-se entender a abordagem genealógica de Foucault como a investigação histórica das manifestações, tecnologias e estratégias de poder em suas relações com o saber. Em suma, o que a genealogia faz é disponibilizar chaves de interpretação histórica das formas e condições políticas em que são produzidos e difundidos os conhecimentos.

---

<sup>1</sup> Este texto foi publicado inicialmente em *Hommage à Jean Hyppolite*, em 1971, em seguida, lançado no Brasil, no ano de 1979, numa coletânea traduzida e organizada por Roberto Machado e, posteriormente publicado em 1994, na França, no Volume II da coleção de quatro volumes, intitulada *Ditos e Escritos*, dirigida por Daniel Defert e François Ewald, reunindo conferências, entrevistas e outros textos de Foucault até então esparsos, conforme as referências que se seguem: FOUCAULT, Michel. "Nietzsche, a genealogia e a história." In. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução: Roberto Machado. 10ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992. p. 15-37. / Cf. FOUCAULT, Michel. "Nietzsche, la généalogie, l'histoire". *Dits et écrits*, II. Édition établie sous la direction de Daniel Defert et François Ewald. Paris: Gallimard, 1994. p. 136-156.

<sup>2</sup> Várias são as possibilidades de sistematizar ou periodizar o conjunto da obra de Michel Foucault, o que é uma tarefa bastante complexa, tendo em vista que se trata de um pensamento que refuta classificações ou padronizações. No entanto, boa parte de seus leitores costuma adotar o critério de que suas pesquisas são desenvolvidas a partir de três eixos de investigação, que acabam por constituir fases de sua obra: a primeira denominada *arqueologia*, tem como pilares os livros *História da loucura*, *Nascimento da clínica*, *As palavras e as coisas* e *Arqueologia do saber*; a segunda, *genealogia* - a partir da qual este texto se propõe a discutir aspectos ligados à concepção de história - tem como marcos referenciais os livros *Vigiar e punir: nascimento da prisão* e *História da sexualidade I: a vontade de saber*; e, por fim, a fase *ética*, cujos livros representativos são *História da sexualidade II: o uso dos prazeres* e *História da sexualidade III: o cuidado de si*.

<sup>3</sup> Cf. MACHADO, Roberto. *Ciência e saber. A trajetória da arqueologia de Foucault*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 187. Machado ressalta que a expressão aparece também na obra *História da Sexualidade I: a vontade de saber* e em textos de alguns cursos do *Collège de France*.

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, 1991, p. 26. / FOUCAULT, Michel. *Surveiller et punir: naissance de la prison*, 1975, p. 30.

---

<sup>5</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, 1991, p. 31. / FOUCAULT, Michel. *Surveiller et punir: naissance de la prison*, 1975, p. 38.

<sup>6</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história.” In. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução: Roberto Machado. 10<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992. p. 16. / Cf. FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, la généalogie, l’histoire”. *Dits et écrits*, II. Édition établie sous la direction de Daniel Defert et François Ewald. Paris: Gallimard, 1994. p. 137.

<sup>7</sup> FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história.”, 1992. p. 15. / FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, la généalogie, l’histoire”, 1994, p. 136.

<sup>8</sup> FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história.”, 1992. p. 19. / FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, la généalogie, l’histoire”, 1994, p. 140.

<sup>9</sup> FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história.”, 1992. p. 26. / FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, la généalogie, l’histoire”, 1994, p. 146.

<sup>10</sup> Termo alemão, cunhado por Nietzsche, que designa, literalmente, história efetiva.

<sup>11</sup> FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história.”, 1992. p. 27. / FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, la généalogie, l’histoire”, 1994, p. 147.

<sup>12</sup> FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história.”, 1992. p. 27. / FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, la généalogie, l’histoire”, 1994, p. 147.

<sup>13</sup> FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história.”, 1992. p. 33. / FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, la généalogie, l’histoire”, 1994, p. 153.

<sup>14</sup> FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história.”, 1992. p. 33. / FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, la généalogie, l’histoire”, 1994, p. 153.

<sup>15</sup> FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história.”, 1992. p. 33. / FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, la généalogie, l’histoire”, 1994, p. 153.

<sup>16</sup> FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história.”, 1992. p. 33. / FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, la généalogie, l’histoire”, 1994, p. 153.

<sup>17</sup> FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história.”, 1992. p. 34-35. / FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, la généalogie, l’histoire”, 1994, p. 154.

<sup>18</sup> FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história.”, 1992. p. 35. / FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, la généalogie, l’histoire”, 1994, p. 154.

<sup>19</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história.”, 1992. p. 28. / Cf. FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, la généalogie, l’histoire”, 1994, p. 148.